

OLHARES DOCENTES

Práticas de ensino da cultura africana e afro-brasileira no ensino de História e Literatura: combate à discriminação racial¹

Lyjane Queiroz Lucena Chaves

Licenciada em História / Professora do Instituto Sion



Segundo a visão eurocêntrica, a cultura dos países desenvolvidos da Europa deve ser modelo a ser seguido pelas demais culturas dominadas, que representam a minoria, como dos indígenas e a dos negros africanos. No processo de colonização, esses povos eram considerados sem cultura, e essa ideia errada continua deixando marcas profundas até os dias de hoje, onde muitos brasileiros ainda acreditam que de nada esses povos contribuíram para

¹ Texto produzido no âmbito do Curso Educação Escolar, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2019, sob coordenação da professora mestra Nágila Oliveira dos Santos.

a construção da nossa cultura brasileira, excluindo –os e menosprezando – os de todo um processo em que ele fizeram e fazem parte, seja no sistema político, econômico, cultura e/ou social, abrindo espaço para o preconceito e discriminação racial.

Analisando Darcy Ribeiro em sua obra O Povo Brasileiro (1995), a importância desses povos é indiscutível, eles foram a base, o alicerce dessa cultura colorida a heterogênea que conhecemos como a brasilidade:

O brasilíndio como o afro-brasileiro existiam numa terra de ninguém, etnicamente falando, e é a partir dessa carência essencial, para livrar-se da ningüedade de não – índios, não – europeus e não – negros, que eles se vêem forçados a criar sua própria identidade étnica: a brasileira (RIBEIRO, Darcy, 1995, p. 131).

É imprescindível estudar e valorizar a cultura afro-brasileira em todos os níveis escolares de maneira que permita derrubar essa padronização de que o negro é sujo, preguiçoso e sinônimo de escravo. É preciso utilizar o ambiente escolar como um espaço que trabalha a igualdade dentro das diferenças, ou seja, é importante é reconhecer e valorizar as diferenças.

No ensino de História, por exemplo, parece ser comum trabalhar com as culturas tradicionais do Brasil de uma maneira superficial, em que realizar atividades do livro didático e relembrar acontecimentos históricos através de datas comemorativas, está muito associado a valorização do outrem ou afirmar que há sim uma preocupação em combater o preconceito racial. Mas será se essas atitudes são suficientes para combater o preconceito? Ou é preciso estabelecer algo mais profundo e mais contextualizando? Quais prática pedagógicas podem ser desenvolvidas em sala de aula que valorize essa nossa diversidade e que insira o negro africano à uma condição de sujeitos agentes na formação da nossa cultura étnica-racial? O processo educativo precisa deixar claro essas diferenças, devem criar ações que não sejam repressoras, mas sim, abertas ao diálogo e que reconheça e divulgue nossa pluralidade cultural.

Na teoria já existe essa preocupação em valorizar a cultura negra no processo educacional, que é o caso da Lei n. 10.639/2003, mas na prática parece ainda está travado a uma série de desafios, como por exemplo, o choque de ideias de vários grupos sociais. O outro desafio é com a formação docente e a preocupação em criar estratégias de ensino que permite deixar as aulas mais dinâmicas e ricas, garantir uma ressignificação cultural às matrizes africanas, além de oferecer ao professor, comunidade escolar e acadêmica e sociedade em geral, a oportunidade de serem agentes no processo de luta contra a discriminação racial.